

# O R A C A M F V N E B R E

NAS EXEQUIAS REAES DA SERENISSIMA  
Rainha de Portugal

D. MARIA SOFIA  
ISABEL N. SENHORA,

Celebradas na Real Casa da Misericordia de Lisboa,  
aos 11. de Setembro de 1699.

*DISSE-A.*

O Arcebispo de Cranganor

D. DIOGO DA ANNUNCIACÃO  
JUSTINIANO,

do Conselho de Sua Magestade;

OFFERECIDA

AO SERENISSIMO PRINCIPE

DOM JOAM N.S.



LISBOA, Na Officina de MIGUEL DESLANDES,  
Impressor de Sua Magestade. Anno 1699.

*Com todas as licenças necessarias.*



ORACAM

FVNERE

AS EXEQUIAS REALES DA SERENISSIMA

D. MARIA SOTIA

ISABEL N. SENHORA

Celebradas na Real Casa da Misericordia de Lisboa,

aos 11. de Setembro de 1699.

D. J. S. E. A.

O Arcebispo de Braga

D. PEDRO DA ANUNCIACAM

JUSTINIANO,

do Conselho de Sua Magestade,

OFFERECIDA

AO SERENISSIMO PRINCIPE

DOM JOAM N. S.



LISBOA, Na Officina de MIGUEL DESANDRES

Impressor de Sua Magestade. Anno 1699.

Com todas as licenças necessarias.





# SENHOR:

**A**Dor de Portugal expressa nos discursos deste papel, sem mais adulação, que referir a verdade, & sem mais adorno, que a simplez narração de tam altas prendas, são os gemidos, que por parte da sua saudade tributa aos Reaes pès de V. Alteza o mais obsequioso respeito, no golpe mais deshumano: & se a Providencia não dispuzera, que em V. Alteza nos ficasse o retrato do Original que perdemos, ainda a morte da Rainha N. Senhora fora mais incomparavel mente sentida. Mas como os filhos que ficão, igualmente herdão o sangue, que as virtudes dos pays que morrem; em V. Alteza temos presente o mesmo, que na Serenissima Rainha nossa Senhora choramos morto: & com representação tam gloriosa, que mal se pòde distinguir quem he a Idea, ou quem he a Copia. Veja-se

V. Alteza no espelho de si mesmo, & nas suas heroicas accoens verá juntamente as virtudes de S. Magestade, para desempenhar as obrigações de transumpto tão soberano. A penna que escreve este Panegyrico he tam desigual do seu mesmo argumento, que só a Real benignidade de V. Alteza lhe poderá dissimular os defeitos: & a nativa clemencia da Magestade, que está em gloria, poderá conceder o perdão à sinceridade cõ que corre por excellencias tam portentosas: mas hum animo por tantos titulos magoado, não pode ser eloquente, & mais quando considera, que tendo a fortuna de preconizar a Portugal o faustissimo juramento de V. Alteza, teve tambem a desgraca de propor a este Reyno, nas Exequias de S. Magestade, o excessivo de huma perda tão grãde. Deos guarde a Real Pessoa de V. Alteza com as felicidades temporaes, & eternas, como somos obrigados a desejar a V. Alteza os seus vassallos. Lisboa II. de Setembro de 1699.

D. Arcebispo de Cranganor.



*Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna  
non splendet in lumine suo.*

Isaia cap. 13. vers. 10.



Tè quando? oh morte deshumana! Atè quando? (Serenissima Rainha, & Senhora nossa, a quem a sem-razão da morte entre as sombras funestas dessa Urna triste roubou aos nossos olhos, para gravar a memoria de V. Magestade na perduravel lamina da nossa faudade. Hum Throno tam eminente não teve privilegio para evitar hũ golpe tam barbaro; porque não ha cortina, que guarde as Magestades do pó da morte. A altura fez cahir mais depressa o rayo; & dominio tam soberano em todas as quatro partes do mundo fez funebre transformação em quatro palmos de terra, que sendo na vida argumento para gloriosos elogios, hoje na morte he assumpto patetico para faudosos epitaphios.)

Atè quando? oh morte deshumana! Atè quando inexoravel à voz dos nossos suspiros, & enfurdecida ao estrôdo das lagrimas que derrama a nossa dor, com desprezo da nossa mágoa, has de atar ao carro dos teus triumphos os despojos da nossa mortalidade? Atè quando irracionalmente desigual, has de unir o apressado dos voos ao tardo dos passos, sendo para hũs anatomia de ossos que anda, & para outros fouce que voa? Atè quando a tua fouce igualmente ha de talhar as plantas, & os cedros? a tua espada cortar as flores, & o feno? o teu arco apontar as settas contra o valle, & contra o monte? ea tua tyrannia ha de proporcionar para o golpe os frutos do Outono, & as flores da Primavera? Atè quando has de ser impaciente,

&

& ambiciosa? Ambiciosa, por cortar flores, & frutos: impaciente, por não reparar em perder frutos, só por cortar flores. Até quando has de ser horizonte do nosso Oriente? Tumulo do nosso Berço? Fiscal da nossa vida? Esquecimento de toda a lembrança? Tribunal supremo aonde se decidem todas as causas dos viventes? Funesta conversão de toda a grandeza? Eclipse de toda a soberania? Antipoda de toda a Magestade? E o dia da tua tumba, até quando ha de ser o dia dos nossos annos, arrebatando intempestivamente para as sombras do Occaso àquelle mesmo Planeta, que para afugentar as trevas do teu Occidente, teve o seu Oriente entre rayos? Até quando, finalmente, a farsa da tua zombaria não ha de fazer distincção de Purpuras, & de famarras? de canas, & de sceptros? de Reys, & de vassallos? de pastores, & de Monarcas? de Palacios, & de cabanas?

A todas estas perguntas commummente não dá resposta a insensibilidade da morte; porque conhecendo a razão das queixas, não tem justificada razão com que satisfazer a estas perguntas: por isso quando a morte dá o golpe, fecha os olhos, porque desfarrezoadamente corta a morte às cegas. No eclipse porém fatal, que hoje choramos, & perpetuamente choraremos, tem a morte muito justificada razão para emmudecer mais, porque depois que aprendeo a matar as creaturas, nunca tanto como hoje foy irracional no emprego do seu tiro; pois indo caminhando o luminoso Astro, que hoje nos falta, com tanta pressa para os seus annos, que lhe faltava hum só dia para acabar o seu curso; assim lhe cortou a morte os passos, que para não chegar aos trinta & tres annos, lhe escureceo hum dia primeiro os rayos: & para lhe amortallar os resplandores, lhe enterrou no dia do nascimento as luzes, para que assim unisse o seu Occaso ao seu Oriente.

Esta sem-razão, que emmudece a morte para dar resposta às nossas perguntas, he o mesmo, que justifica a nossa dor para o sentimento de hum tal perda. Ver tanto Sol acabar em tão breve dia! Tanta luz sepultada em tão pouca sombra! Tanta neve desfeita em tão escasso pó! Tanto Astro caber em tão apertado tumulo! O berço da vida despojo da morte! O dia dos annos, dia do sepulchro! E que tam abreviadas horas fossem representação da morte, & da vida! Apparecer para a nossa ventura huma Rainha de tam altas prendas no breve curso de trinta & tres annos, oh que assombro!

Mas

Morrore S.  
M. em quatro  
tro, fazendo  
os annos  
em seis.

Enterrouse  
no dia dos  
annos.

Mas que em menos de trinta & tres annos de fappareceffem tão soberanos attributos, oh grande pena! Que em trinta & tres annos se fiffelle huma Rainha tão portentofa, oh prodigio! Mas que huma Rainha tão admiravel se houveffe de fepultar em menos de trinta & tres annos, oh sentimento! Que quando elperavamos celebrar-lhe os annos hum dia depois, hum dia antes lhe choraffemos a morte, oh lastima! oh sentimento! oh pena! oh dor!

Mas fe a morte foy tão cruel, & tão inhumana, que se anticipou hum dia primeiro para dar a ultima hora à vida de S. Mageftade; jufto era que hum mez depois, a pezar da mefma morte, refuscitaffemos nós, no modo poffivel, à Sereniffima Rainha: & fe os Panegyricos, como diz Santo Ambrofio, dão nova vida aos mortos: *Videntur nobis in sermone revivifcere*; principiemos nós o Panegyrico de S. Mageftade, para que ao menos nesta breve hora a tenhamos refuscitada, já que por tão longo tempo a havemos de chorar morta. Santo Ambrofio prègando as Exequias do Emperador Theodofio, diffe, que fupposto o lastimofa daquelle fuceffo, com a repetiçam havia de magoar ao animo dos feus ouvintes, tambem as lagrimas com que choraffem difgraça tam grande, aliviarião a mágoa do feu coração enternecido: *Fletus refrigerat pectus, & maestum consolatur*. Affim era na verdade, porque no funebre daquellas Imperiaes Exequias era igual o Orador ao argumento: mas não poderá fer hoje affim, porque o argumento destas Exequias Reaes he fummamente defigual do Orador: & não fey fe para fatisfazer cabalmente a affumpto tam soberano, feria mais discreto acordo collocar naquelle Maufoleo (como lá fizerão os Egypcios no tumulo do Principe Apis) huma imagem muda, para que apontando para o lugar daquellas Reaes cinzas, repetiffe com eloquente filencio o mefmo, q̄ por veneração não fábem dizer as vozes, nem por respeito podeni articular as linguas. As Mageftades defuntas, dizia Tertulliano, tẽ huma notavel difgraça; & vem a fer, dependerem as fuas acçoens, & a grãdeza da fua soberania, dos Panegyristas que as referem, & das linguas que as acclamão. E nesta materia, tal vez, tiverão melhor fortuna os vaffallos, que os Reys: porque foy menos eloquente o Orador dos Reys, que dos vaffallos. Mas esta difgraça não poderá ter a Mageftade da noffa Sereniffima Rainha, porque o brado grãde das fuas Reaes prerogativas bafsta para fupprir o limitado de todos os Panegyricos, principalmente em quem tendo razoens para

D. Amb. in  
Orat. Fun.  
Theodof.

D. Amb. ubi  
fupr.

emudeceir reverentē, está obrigado a fallar obsequioso.

Para prègar nestas Reaes Exequias abri o livro das Escripturas, & na morte de hũa Rainha encontrei no Capitulo 13. de Isaias, se não proporcionada allegoria, que isso era impossivel, alguma semelhança, porque descobri na Escriptura ao Sol, & a Lua mortos no dia do seu nascimento. O Sol defunto com a morte natural, a Lua morta de sentimento pelo occaso do Sol: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendet in lumine suo.* O Sol escureceo-se, porque realmente no dia dos seus annos morreo o Sol: a Lua eclipsouse de mortal dor, porque ao seu Sol vio morrer em o dia dos seus annos. O Sol morto, & como tal no dia dos annos sepultado, diz Hugo, roy Balthasar, porque com effeito no dia dos seus annos se sepultou, & morreo: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, idest Rex Balthasar mortuus est in die natalis sui.* A Lua eclipsada pela morte do Sol, em dia tão celebre, foy a Rainha tua esposa, porque neste dia morreo à efficacia do sentimento, por ver defunto aquelle esposo, a quem com o coração fez entrega dos affectos: *Et Luna non splendet in lumine suo, idest Regina uxor Balthasar.* E se o esposo se sepultou morto em o dia dos seus annos, porque se lhe acabou neste dia a tua vida: a esposa, diz a Interlineal, morreo com tal excessõ pela singularidade da dor, que depositas as insignias de Rainha, se eclipsou defunta, porque o Sol se escureceo morto: *Non splendet amplius Regina apparatu Regio.*

Hugo hic.

Gloss. hic.

Este Texto, quanto ao sentido litteral, já teve execução, porque o sentimento de ver ao Rey seu esposo defunto, & sepultado no dia dos seus annos, matou a Rainha, que foy esposa daquelle Rey. Faltou porém em o Rey semelhante fineza, porque ainda nos não consta de nenhum Rey morto pela efficacia da pena, por ver morta, & sepultada em o dia dos seus annos a Rainha sua esposa. Só na morte da Serenissima Rainha de Portugal Dona Maria Sofia Isabel, nossa Senhora, vemos a esta fineza, porque pelo sentimento se escureceo o Sol do seu serenissimo esposo, quando no dia dos seus annos, pela morte se eclipsou a Lua da sua esposa serenissima. Imitou o esposo desta Rainha o amor da esposa daquelle Rey; porque se a esposa se eclipsou, porque o esposo no dia dos annos morreo: hoje se eclipsa o esposo, pois a esposa morreo no dia dos annos. Lá a morte foy no esposo, & a dor na esposa: aqui a morte foy na esposa, & a dor no esposo. Lá, porque o eclipse foy no Sol, foy o desmayo na Lua: aqui

porque a Lua desmayou, por isso o Sol se escureceó. Assim  
 como mutuas as trevas na Esposa, & no Esposo, que o Esposo ficou  
 escurecido, quando a Esposa foy eclipsada. Como a Esposa he amé-  
 do coração do espolo, não podia no esposo ficar o coração in-  
 do, partindo-se na morte da Esposa o coração do Esposo. Na Es-  
 a foy a morte necessidade da natureza, no Esposo foy a morte  
 rigação da fineza; porque se a Esposa he a alma do Esposo, quem  
 já mais apartarse a alma, & ficar vida? O Esposo, & a Esposa,  
 S. Pedro Chryfologo, são hum dous, dous hum, outro o  
 mesmo: *Fecit Deus, ut sit homo, unus duo, duo unus, alter ipse.* Se são  
 hum dous, não pôde viver hum quando morre o outro. Se são  
 dous hum, não se pôde destruir a unidade, para que hum pereça, &  
 o outro exista. Se são outro o mesmo, não se pôde destruir a iden-  
 tidade, & fazer divisio o mesmo, que he inseparavel. He logo o oc-  
 caso do Esposo occidente da Esposa, & o sepulchro da Esposa tu-  
 muldo do Esposo, porque ambos ficão etcurecidos, quando qualquer  
 delles he o eclipsado. No eclipse porèm destes dous Astros, ainda  
 que as trevas forão iguaes em ambos os Planetas, ponderemos nós  
 principalmente as sombras da Lua, & nellas veremos a correspon-  
 dencia nos desmayos do Sol, porque neste caso ficou o Sol morto,  
 porque a Lua foy a defunta: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna  
 non splendet in lumine suo.*

Chrysol.

Ser. 95.

A Lua no termo da sua duração tem quatro estados: apparece  
 Lua nova coroadada de rayos: cresce no luzido dos seus resplando-  
 res: enche toda a roda da sua grandeza com o singular das suas pre-  
 rogativas: & mingua lastimosamente no eclipse, aonde sepulta toda  
 a sua luz, & toda a sua gala. He a luz nas Escrituras chamada Rai-  
 nha do Ceo, diz Laureto: *Luna Regina Cali.* E huma Rainha, que  
 he do Ceo, ainda que tambem o foisse da terra, convinha que tivesse  
 na terra as propriedades que no Ceo tem a Lua Rainha das Estrel-  
 las. Para chorarmos mais amargamente o eclipse deste Real Astro,  
 ponderemos os quatro estados que teve a formosa Lua, que hoje ve-  
 neramos, & eternamête veneraremos sepultada não tanto no fu-  
 nesto deste triste ornato, quanto na excessiva mágoa do nosso cora-  
 ção affligido, & no minguâte dos seus resplâdores veremos como o  
 Sol tem eclipsado os seus rayos: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Lu-  
 na non splendet in lumine suo.*

Sylv. Alleg.  
verb. Reg.

Então apparece a Lua nova em o nosso Orizente, quando co-

B

roda

roada de luzes apparece no feu Oriente a Rainha das Estrellas. O Sol sepulta os rayos, para que a Lua avive os resplandores, sendo a magestade dos seus reflexos lingua, que com tremulo brado chama a todos, para lhe adorarem no berço os primeiros passos com que caminha para o nosso emispherio. No dia 6. de Agosto (entre os antigos reputado por felicissimo Oriente para o nascimento de Principes) appareceo em Dusseldorpio do Rheno, como Lua nova, a Serenissima Rainha nossa Senhora coroada de tantas luzes, quantos lhe communicarão rayos os dous gloriosos Planetas, que influirão em o teu ditoso nascimento. Nalceo em Agosto mez de nalceo do fangue Imperial a nossa Serenissima Rainha, dia em que o Sol deu mais actividade aos rayos, para na transfiguração fazer mais pomposa gala das luzes: *Resplenduit facies ejus sicut Sol.* Dia da Transfiguração de Christo, porque nascendo Sua Magestade para o Ceo, era bem que na terra se visse no feu nascimento o retrato da gloria: & para que no Thabor, que foy o theatro deste mysterio, se annunciaste o nascimento da nova luz, que havia de apparecer neste dia: *Thabor, idest veniens lumen*, disse Laureto. Mas porque o nascimêto da luz, q̄ já então estava destinada para este dia, não havia de ser então, porque havia de succeder depois: já então os rayos no Thabor erão suspiros, nam só pela luz que o coroava então, mas tambem pelos resplandores com que ao depois em semelhante dia se havia de illustrar a sua eminencia com o nascimento futuro da nova luz de Sua Magestade: *Thabor veniet lux*, disse o Author das Allegorias. Ou cõsiderando-se neste dia tam resplandecente o monte, já então se alegrava, porque a Providencia tinha feito eleição deste dia, para que outra luz no futuro tivesse no Thabor o theatro da sua magestosa grandeza: *Thabor, idest electio*, disse o mtismo Laureto. Ou se o Thabor se interpreta pureza: *Thabor, idest puritas*, nam podia deixar de lhe pertencer o nascimento daquella Senhora, em quem o singular das virtudes, & o illustre do sangue haviaõ de ter tal pureza, que o sangue devia ser por todas as razoens illustrissimo, & as virtudes por todos os titulos heroicas. Em dia pois por tantas circumstancias sagrado appareceo a nova luz de Sua Magestade, para dahi a trinta & tres annos a choraarmos amõrtecida, não nos sendo nõvo ver no futuro na Trãnsfiguração o eclipse da morte, pois a transfiguração se applicou na pratica a morte, que ao depois havia de

Felix Gerard  
do no feu Iti  
nerario, no  
dia 6. de A-  
gosto.

Gl. antichi  
reputavano  
felici quel  
che nasceva  
no in questo  
giorno.

Agosto to-  
mou o no-  
me de Cesar,  
porque nas-  
ceo neste  
mez.

Matth. c. 16.

v. 2.

Sylv. Alleg.  
verb. Thob.

Ibidem.

Ibidem.

Biblia in in-  
terpretat.  
nomina He-  
braicorum.

de succeder em o Sol : *Dicebant excessum ejus* ; & nam era muito que ao depois na Transfiguração morresse a Lua , quando o Sol tratou de morrer em a transfiguração.

Os Astrologos, que virão nascer a Sua Magestade, para medirem os raios da tua luz na Aurora do seu nascimento , & fazerem prognostico dos seus progressos, haviaõ de observar os Ascendentes do seu berço, as Estrellas predominantes no seu Oriente, o senhor do anno , a casa aonde se achava o Sol , & os tépos em q̄ esta nova luz principiava a dar os primeiros passos no seu nascimento. Mas não podia ser tam certo o seu prognostico para a nossa dita examinando os Astros, como seria infallivel a grandeza de Sua Magestade para a nossa ventura , se se examinasssem os gloriosos Pays, que foraõ a raiz fecunda donde nasceo esta Real flor por tantos titulos. Erraõ os homens se se persuadem . que os Astros influem no nascimento dos Principes ; porque os pais dos que nascem , são os Planetas que influem nos filhos que apparecem. Quem pois quizesse prognosticar a grandeza de Sua Magestade no seu nascimento, mais devia attender aos troncos, que aos Planetas: mais devia examinar aos pays, que às Estrellas: mais ponderar os Ascendentes, que o Ascendente, porque sendo aquelles tam illustres, não podia nascer delles cousa que não fosse heroica. Dos Pays de S. Magestade corrêraõ, como de hum profundo mar, para o nascimento da Serenissima Rainha, os caudellosos rios do sangue de todas as Casas Reaes de Europa: & assim como para a sua composição, em quanto Lua nova, correo para o nascimento de S. Magestade o sangue de Portugal, de Austria, de França, de Castella, de Inglaterra, de Sicilia, de Suecia, de Dinamarca, de Bohemia, de Ungria, de Saxonia, de Lorena, de Baviera, & do Palatino: assim hoje no seu eclipse derramou a morte o sangue de todas estas Magestades, assustando em todos os Monarcas as Coroas , & tingindolhe de novo as Purpuras. E Pays tam illustres, que deraõ nascimento tam heroico a Filha tam soberana, esses bastaõ para o titulo de tam Real parto, porque esses são o Index de Filha tam portentosa.

Tres vezes encontro nas Escrituras a Christo como Rey : hũa em o nascimento, outra no Calvario, & na Ascensão outra. Reparou muito Origenes na diversidade, que se observou com a regalia de Christo na Cruz , & nos outros Mysterios ; porque sendo

Christo Reyem a Ascensão : *Quis est iste Rex gloria ?* sendo na

Muth.c.27. Cruz Rey: *Rex Iudaorum*; & feudo Rey no Nascimento: *Ubi est*  
 v.37. *qui natus est Rex?* No Nascimento, & na Ascensão nam teve o título  
 Ma.th.c.2. lo de Rey, só o teve na Cruz: *Scripti autem, & titulum Pilatus*. Por  
 v.2. porque se nam escreveu esse título na Ascensão, ou no Presépio,  
 Joan.c.19. só se escreveu no Calvario? Se a Providencia o gravou na Cruz,  
 v.19. para que ninguém ignorasse a grandeza do Crucificado, nam lhe  
 era menos necessario esse título para o Triunfo, que para o Nasci-  
 mento; porque os Magos havião de indagar o lugar aonde estava o  
 Rey: *Ubi est, qui natus est Rex?* Para o triunfo, porque huma, &  
 Ixi c.63. muitas vezes lhe havião de perguntar os Anjos, quem era o que  
 v.1. triunfava com tanta pompa: *Quis est iste, qui venit de EDOM?* Es-  
 creva-se logo na Ascensão o título, para que levando-o Christo em  
 o seu triunfo, se saiba a Magestade do Rey, que sobe: & abra-se no  
 Portal do Presépio o título, para que se conheça o Rey, que nasce.  
 Na Cruz entre as afrontas ha de haver hum título, que publique a  
 grandeza de quem padece os oprobrios; & no Nascimento, &  
 triunfo não ha de haver título para dar a conhecer ao Senhor, que  
 nasce, & triunfa, evitando-se desta maneira as perguntas dos An-  
 jos, & dos homens? Não, diz Origenes: porque na Cruz igual-  
 mente se ignorava quem fosse o Pay, & quem fosse a Mãe de Chri-  
 sto. A Mãe, porque Christo não expressou esse título, & só lhe  
 chamou mulher: *Mulier*. O Pay, porque todos os Judeos, ainda  
 que maliciosamente, ignoravaõ a Paternidade de Deos em ordem  
 a Christo, pois o crucificaraõ, porque se não quizeraõ persuadir, que  
 Deos era seu Pay: *Secundum legem debet mori, quia Filium Dei se fecit*.  
 E como o Pay, & a Mãe de Christo se lhe ignorava na Cruz,  
 foy necessario huma escritura publica, que manifestasse a sua di-  
 gnidade, & hum título por onde se conhecesse a sua regalia. Como  
 porém no Ceo os Anjos lhe conheciaõ o Pay, & no Nascimento se  
 estava vendo com os olhos o Pay putativo, & a Mãe verdadeira, co-  
 nhecida e descendente da Casa Real de David: *Ioseph Fili David*  
 Math.c.1. *quid*: no Nascimento, & no Ceo para o Filho era superfluo o título,  
 v.20. porque no triunfo o Pay era o seu Index, & no Nascimento o Pay,  
 & a Mãe era o título melhor aonde se lia a grandeza do que nasce-  
 ra, & do que triunfara. *In Cruce*, diz Origenes, *In Cruce quidem ha-*  
 Orig. tract. *bet scriptum Rex Iudaorum; ascendens autem ad Patrem pro litteris, &*  
 33. in Mat. *pro nomine habet ipsum Patrem*. Aonde se lhe nam vio o Pay, veja-se  
 v.27. *lhe o títulos para haver noticia do Filho; mas aonde se lhe conhecia*

o Pays, & a Mãe, era para o Filho outro titulo superfluo, porque do Filho era o melhor titulo a Mãe, & Pay.

E se isto he a mesma verdade, nascendo a nossa Serenissima Rainha de huns Pays tam illustres, nam he necessario indagarmos-lhe os no seu ditolo nascimento mais grandeza, que o nalcer de tão illustres Pays. O magestoso dos resplandores, que a coroação no seu nobilissimo Oriente, são os portentosos rayos dos dous admiraveis Planetas, que em Sua Magestade influirão toda a dita. As Reaes prerogativas, que adornarão a este novo Astro, nam dependem de mayor encomio, que do conhecimento das duas brilhantes Estrelas, que no seu nascimento foraõ Authoras da sua grandeza, Os planetes da natureza já então foraõ grandes, mas para se dizerem excellivos, esculião mayor encarecimento, que o simplez nome dos famosissimos Pays que lhe communicarão as luzes, porque a respeito desta prerogativa todo o encarecimento he curto, todo o louvor limitado, & toda a exageração defectuosa. Quem teve excellencias tam soberanas, para se lhe conhecer toda a sua grandeza, basta o Author de prodigio tam admiravel. O Author he todo o seu Panegyrico, & todo o mais elogio ou he eloquencia superflua, ou exageração redundante.

Falla o Espirito Santo do Sol, & diz-nos que he admiravel o Sol no seu nascimento: *Sol in aspectu, idest in ortu*, diz Hugo Cardinal, *Sol in aspectu annuntians, in exitu vas admirabile*. Notavel caso, que ao tempo em que o Espirito nos quer dar a conhecer as prerogativas com que nasce o Sol, nos não refira outra cousa mais que o seu nascimento: *In ortu*, & a sua admiração: *Admirabile*, sem nos dizer o porque he o seu nascimento admiravel! O Sol nasce no Ceo primogenito das luzes, pay dos Astros, principe das Estrelas, & senhor de todos os Planetas. Na terra benigno anima as flores, pródigo cria as plantas, fecundo produz os metaes, & conforme o Filosofo, he o Sol Author da geração de todos os homens. Pois se o Sol nasce grande por tantos titulos, se tem prerogativas tam raras, porque razão o Espirito Santo lhe não refere as prerogativas, nem lhe encarece os titulos quando lhe descreve o nascimento? Diz-nos que nasce: *In aspectu annuntians*, & que o seu nascer he admiravel: *Vas admirabile?* & depois de huma narração tam breve suspende o Panegyrico para as excellencias do Sol? Sim: porque nos diz o Author do nascimento: *Sol in aspectu annuntians, in exitu vas admirabile*

Eccles. c. 43

v. 2.

Hugo hic.

abile

*abile opus excelsi.* E quem para o nascimento do Sol dá hum A-  
 thior tam grande, suspende para mais encomios o discurso, porqu-  
 na grandezza do Author fez todo o Panegyrico ao Sol. Hum S-  
 que tem as luzes participadas de hum Author tam raro, que em tu-  
 do he excelfo: *Opus excelsi*, que se lhe póde dizer para a sua grande-  
 za, que não seja ou diminuição da sua soberania, ou offenta da sua  
 singularidade? Qué quizer saber o porq̃ o nascimento do Sol he  
 admiravel, veja quem he o Author deste nascimento, & depois que  
 lhe conhecer ao Author, confessando ao nascimento por admiravel,  
 se desenganará que o Author basta para o fazer prodigioso.

Forão os Pays de Sua Magestade tam grandes, que em tudo  
 forão excelfos: excelfos no sangue, excelfos nos titulos, excelfos  
 na virtude, & em tudo excelfos. E quem teve tam excelfos Pays,  
 canonizado tem por admiravel ao seu nascimento. Para o Sol ser  
 grande, bastalhe o Author dos rayos; & para a nossa Lua ser por-  
 tentosa, porque lhe não bastarão os illustres Pays, que como Au-  
 thores lhe communicarão no nascimento as luzes? Oh Lua prodigi-  
 giosa! E quantos emispherios desejarão coroar já naquelle dia aos  
 teus rayos, ainda quando todos não podião ver as tuas prerogativas! Já  
 então quizerão todos os Reynos o diadema dos teus resplandores,  
 para seres sem nenhuma duvida a Rainha dos seus dominios! Mas  
 como só Portugal mede o seu Imperio pelo gyro do Sol, lá mandou  
 ao Sol como seu subdito para te dar o parabem do teu Oriente: &  
 como nascestes nos termos do seu dominio, lá te mandou pelo Sol  
 offerecer a sua Coroa, jurandote já no berço a vassallagem. Portu-  
 gal na embaixada com que mandou ao Sol que adoralle a tua luz,  
 te prevenio primeiro que todos; por isso quando os outros Impe-  
 rios suspiravão, porque podias ser sua Rainha, Portugal se alegra-  
 va, nam pelo que podias ser, mas pelo que eras, pois já nascestes sua  
 Senhora nos primeiros progressos do teu nascimento. Já Portugal  
 estava elegido, quando os outros Reynos eraõ pretendentes; por-  
 que o Sol que lhe divide o Imperio, foy o primeiro, que em nome  
 dos Portuguezes a dorou aos teus rayos.

*Buccinate in Neomenia tuba, in insigni die solemnitate vestre.* Fa-  
 zeis todos, dizia David, huma grande festa, porque appareceo no  
 Oriente a Lua nova, & para esta solemnidade tem hum preceito os  
 Israelitas: *Quia preceptum in Israel est.* A razão desta festa parece  
 que devia de diminuir a solemnidade do nascimento da Lua nova;  
 por-

M.ºo. v. 4.

V.ºo. 5.

David chama a todos, segundo o titulo do Psalmo , para a  
 festa de *Saph*, *idest fidelibus Christianis*, disse Hugo. E agora expli-  
 ca o Profeta, que para esta festa tinhaõ hum preceito os Israelitas.  
 Naera logo para todos o preceito. Pois se para todos nasce a Lua  
 & para todos he o seu nascimento; como o preceito de solem-  
 naria Neomenia, nam he para todos, & só he para Israel? Se he só  
 para Israel, convide o Profeta para os applausos da Lua nova sò aos  
 Israelitas, & não às demais naçoens. Mas chama a todos, & sò para  
 Israel he o preceito: *Quia preceptum in Israel est?* Sim: A Lua nova  
 heo com taes privilegios, que nasceu desejada para Senhora, &  
 Rainha de todas as naçoens do mundo; mas sò os filhos de Israel a  
 veneraõ como sua Rainha, & Senhora, conforme o Texto de Jere-  
 mias no capitulo septimo, & no capitulo quarenta & quatro, por-  
 que como Rainha veneravaõ a Lua nova nos seus sacrificios: *Fa-*

*placensas Regina Celi, idest Luna*, disse Hugo, *quam adorabant*  
*Hebraei. Nos sacrificamus Regina Celi, idest Luna*, escreveu o mesmo  
 Hugo. E mais claro o Author das Allegorias: *Reginam Celi dicebant*  
*Lunam, quom Iudaei interdum coluerunt*. Pois Lua nova, que para to-  
 dos nasce tam portentosa, para todos he solemne o seu nascimento:  
*in signi die solemnitatis*; mas para os que a haõ de ter por Rainha, a  
 solemnidade he de preceito: *Quia preceptum in Israel est*. Para os  
 outros que só a pueraõ ter por Senhora, he obsequio a solemnida-  
 de; mas para os que a tem por Rainha, he de preceito o seu nascimen-  
 to. Todos solemnizão a Lua quando nasce, porque nõ desejo pòde  
 ter para todos o nascimento da Lua: mas os que tem a dita de já nõ  
 se lhe destinam a Lua nova por sua Rainha, tem preceito para  
 solemnizar como a sua Senhora, porque já então tem a ventura de  
 adorarem como seus vassallos: *Quia preceptum in Israel est*.

Quantas Coroas desejáraõ que a nossa Serenissima Lua nasces-  
 se para a sua gloria, & nam para outrem? Quantos Imperios de-  
 sejarão as suas felicidades nos auspicios de seus rayos? Quantos  
 Reynos idearão o como farjaõ proprios os seus resplandores? Quã-  
 tos, & quam grandes dominios pertendêrão adorar aos seus reflexos,  
 para terem a fortuna de os illustrar a sua luz? E porque no seu  
 nascimento, ainda humanamente, nam estavão para ninguem desti-  
 nar as suas prendas, todos celebrarão o seu Oriente: mas depois do  
 mais feliz dia, dous de Julho, em que a Lua nova principiou a ter em  
 Portugal o seu proprio emispherio, ficou para todo o mundo cele-  
 bre

Jerem. c. 7. 1

v. 18.

Hugo hic.

Jerem. c. 44.

v. 19.

Hugo hic.

Silv. Alleg.

verb. Regi.

Foy o dia  
 dos desposi-  
 rios 1. de Ju-  
 lho de 1687.

bre o seu berço : para Portugal por preceito, porquẽ entãõ se declarou sua Rainha; & para as outras naçoens por obsequio , porquẽ tendolhe já no Oriente sacrificados os affectos , esperavãõ que se a Lua nova as nam corooou , com os rayos que ao deponer haviaõ de fahir da Lua nova, corooariaõ aos seus Imperios , & teriam mais felicidade nos resplandores, que a Lua concedesse aos seus dominios, do que se a mesma Lua illustrasse aos seus Estados , porquẽ os soberanos reflexos, que fahissem da sua luz, seriaõ resplandores de hum Monarca tam pottentoso, & de huma Lua tam admiravel.

Graças porẽm à Providencia Divina, que para nós fez nascer a este Real Astro, & sò para nós produzio em hum dia tam grande huma Lua tam prodigiosa, sendo sò para a nossa dita o seu faustissimo nascimento, & com circumstancias tam portentosas, que sò para Portugal foy destinada já do berço esta Rainha Serenissima. Foy cousa notavel, & singular, que as duas primeiras Filhas, que a Imperial Casa de Sua Magestade concedeo para os desposorios dos Monarcas, nascessẽem ambas em o mesmo dia, bem que em diversos annos, & em differentes mezes. A Augustissima Emperatriz nasceo em 6. de Janeiro de 1655. & a nossa Serenissima Rainha nasceo em 6. de Agosto de 1666. Ponderemos os dias, logo repararemos nos annos. Este acaso me parece, que nam carece de mysterio. De modo que as primeiras duas Princezas, que na Casa de Sua Magestade se corooãõ, nascendo em mezes, & annos differentes, conformãõ-se nos dias para o nascimento? E porque nam nasceo Sua Magestade em 6. de Janeiro, mas em 6. de Agosto? E a Augustissima Emperatriz, porque nam nasceo em 6. de Agosto, mas em 6. de Janeiro? Direy: Em 6. de Janeiro era dia de Reys, & entãõ forãõ tres Reys ao Presepio , diz o Veneravel Beda, & Ruperto, porque atẽ aquelle dia sò se tinhaõ descuberto as tres partes do mundo, ficaudo ainda a America desconhecida aos homens: *Tres Mundi, tres mundi partes, Europam, Asiam, & Africam.* E como nam teve naquelle dia parte o Rey da quarta parte do mundo, que sò he o de Portugal, por isso Sua Magestade nasceo em outro dia , porque sò para Portugal foy o nascimento de Sua Magestade. Assim a destinou Deos para o nosso remedio, que nam permittio que tivesse o seu Oriente em outro dia, senãõ naquelle em que na quarta parte do mundo o seu Monarca pudeffe ter a representaçãõ mais gloriosa. Em que dia havia de ser nascimento tam admiravel, senãõ no dia 6.

Beda hic.  
Rupert. l. 2.  
in Math.

de Agosto, em que Pedro na Transfiguração havia de ter tam grande parte: *Assumpsit Petrum*: para que nos desse a entender o Ceo, que Pedro já destinava desde então a luz, que havia de apparecer naquele dia. O *Thabor* significa a Maria, diz o nosso Santo Antonio: *Thabor Mariam significat*: & como não havia Pedro ter a posse da Maria em 6. de Agosto, se a Providencia levou a Pedro para este dia: *Assumpsit Petrum*? com dominio tam soberano em dia tam admiravel, que como se de Pedro fosse sò este dia, a Pedro como cousa propria pertencia a accômodação do dia, & das pessoas que nelle apparecerão: *Faciemus hic tria tabernacula, tibi unum, Moysi unum, & Ili unum*, tendo para si feito eleição de ficar naquelle monte: *Bona est nos hic esse*, porque sò no monte, que era Maria, em 6. de Agosto havia de ter Pedro a sua permanencia, deixando-nos na sua Real successão a companhia: & com mysterio em 6. de Agosto havia de Pedro assegurar-nos a assistencia: *Hic esse*, porque havendo de escolher Pedro meyo para viver perpetuamente nos nossos corações, primeiro procurou a assistencia no dia 22. de Junho, pretendendo nas saudosas memorias da Serenissima Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, deixarnos a sua Real successão nos frutos que em ambos os Monarcas prometião as primaveras de tantas flores. Mas este beneficio não estava concedido ao dia 22. de Junho, em quem a Serenissima Rainha Dona Maria Francisca teve o seu nascimento; mas ao dia 6. de Agosto, porque sò a este dia estava firmemente prometida a assistencia de Pedro: *Hic esse*: não a Maria em 22. de Junho, mas a Maria em 6. de Agosto, porque o nascimento do Sol sò estava prometido a esta Aurora. À Maria em 22. de Junho foi concedida a flor e a falta do fruto; mas a Maria em 6. de Agosto forão concedidas as flores, & os frutos.

Não só nasceu Sua Magestade em 6. de Agosto, porque este dia foy especial de Pedro, mas tambem no anno de 1666. porque, segundo a nossa memoria, foy o mais celebre anno para as esperanças de Portugal. O anno mais decantado nos desejos da esperança Portugueza foy o de 1666. porque neste anno esperavão muitos Portuguezes a vinda do Encuberto; mas enganarão-se no objecto da esperança, porque esse anno não era para vir o Encuberto, mas a Encuberta, porque nesse anno envolta nas fexas do seu berço apparecco a nossa Serenissima Lua, para renascerem as nossas esperanças, & para resuscitar a barenia dos nossos Monarcas.

Math. c. 17.  
v. 1.

Serm. de  
Transfig.

Verf. 4.

Ibidem.

Do primeiro matrimonio nasceu huma só filha. Do segundo cinco filhos, & duas filhas.

No anno de 1666. esperavão os Sebastianistas o Encuberto

Oh Lua admiravel! & quanto cegão lá os teus rayos nas primeiras Auroras da tua vida! Já então o nosso desejo pertendia, que Alemanha fosse para o teu nascimento o mesmo que o Oriente he para a Aurora: berço para nascer, mas não lugar permanente para o Real Astro que então nascia. Queriamos que lá tivessem muito embora os annos da Lua o prologo, mas que Portugal fosse o theatro em quem tivesse a sua representação a Lua. Fosse lá muito embora os Orizontes, com tanto que Portugal fosse o lugar aonde como em proprio emispherio se produzissem os rayos. Mas ay! & que pouco permanente que foy a vida da Lua nova! A nossa ventura esteve no seu Oriente, mas foy tal a nossa desgraça, que pedindo os rayos da Lua nova mais dilatado mapa, para se conservarem no Sol, & na Lua as luzes, já se escurecêrão as luzes do Sol, porque já não brillão os resplandores da Lua: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo.*

Quem como Lua nova appareceo no berço do seu Oriente, nos reflexos, & augmento dos seus rayos, não podia deixar de ter para a sua luz o Quarto crescente dos seus resplandores. Esta grandeza teve Sua Magestade nos seus felicissimos desposorios, dispondo a Providencia que em Portugal tivesse Sua Magestade o dominio. Naquella fatal inundação em que a desgraça levava a naufragar o nosso Reyno na falta da baronia, lançou Portugal os olhos por toda Europa, para dar condigna Esposa ao seu Monarca, & só Sua Magestade foy quem lhe roubou os affectos, para nos deixar o nosso Serenissimo Rey eternizada a sua memoria nos multiplicados frutos da sua Real successão. Este foy o augmento com que Sua Magestade coroou os resplandores do seu Oriente. Não podendo crescer as singulares prendas com que esta Serenissima Senhora appareceo no seu nascimento; só os seus desposorios lhe puderão augmentar a sua grandeza, porque communicadas as luzes destes dous soberanos Planetas, ficou o Sol mais luzido, & a Lua mais resplandecente. Nam podia unirse a melhor Estrella o Sol, nem a Lua em outrem mais que no Sol podia ter condigna uniaõ da sua grandeza. Nam tem nos seus desposorios que envejar a Lua nova, em as duas resplandecentes Estrellas de suas Serenissimas Irmãs, o Sceptro de Alemanha, & a Coroa de Castella; porque neste globo sublunar o ambito da Coreia de Portugal he o compendio do gyro do Firmamento, & tam dilatado o circuito do seu Imperio, que começando  
o Sol

o Sol medilo desde o nascimento, nam acaba a empreza senão quando morre. Os desposorios dos outros Monarcas prometem a homenagem em Estados, jurão as vassallagens em Provincias, & concedem as obediencias em Reynos : mas Portugal em todo o mundo concede as obediencias, jura as vassallagens, & promete a homenagem às suas Rainhas pela fortuna dos seus desposorios. Oh que felicidade para Portugal nos Epitalamios desta Serenissima Senhora ! Moh que excessão de prerogativas resultarão a esta Senhora Serenissima pela união dos seus Reaes desposorios!

Parece-me na verdade, que vendo os demais gloriosos Irmãos, quem a natureza concedeo o Real sangue da Rainha nossa Senhora & a precedencia nos annos, parece-me que vendo nascer a esta Serenissima Irmã, admirados das suas grandes prerogativas, & feridos com a excessiva luz dos seus rayos, lhes ouço fazer huns aos outros aquella pergunta, com que em semelhante caso se suspendirão os Irmãos de outra Princeza, vendo-a nascer herdeira do seu mesmo sangue: *Soror nostra parva, & ubera non habet: quid faciemus sorori nostro in die, quando alloquenda est?* Que faremos a esta nossa Irmã, que ainda agora no seu nascimento he tam pequena, que apenas tem apparecido como Aurora no seu Oriente? Que festas, & que solemnidades lhe serão devidas á sua grandeza, quando vier aquelle celebre dia, em o qual, já passados alguns annos, se poderá fallar a esta Princeza, diz Glyserio: *In die quando alloquenda est, idest quando sermo fiet ei?* Notay: que nascendo esta Princeza tam prodigiosa, toda á sua grandeza se lhe não admira pelo dia em que nasce, mas pelo dia que se lhe destina. Pois se os Serenissimos Irmãos lhe reconhecem por tam celebre ao seu Oriente, porque sò se admirão, & preparam para o outro dia, que succederá ao seu nascimento? Sabem porque? diz Glyserio: porque no nascimento fela Deos nascer Princeza; no tempo de que se admirão os Irmãos, ha de fazela Rainha: *Intra domum Patris complacentiam in Regiam, & sponsa dignitatem dato evecta in Regno.* E quando succederá esta grandeza a Princeza tam gloriosa? O mesmo Padre o disse: No dia dos seus desposorios: *In die quando alloquenda est, scilicet matrimonio copulanda.* E o dia mais glorioso das Princezas, nam he quando nascem Princezas, he sim quando se desposão Rainhas: *In die quando alloquenda est, idest matrimonio copulanda.* Permite allegorizar este Texto, porque he propriissima deste caso a allegoria.

Cantic. c. 8.  
v. 8.

Glysl. fol.  
mibi 9; 7.  
n. 5. L. F. §.  
Æmulor  
Exposit. 3.

Glyser. hic  
fol. mibi 9; 5  
Exposit. 2. §.  
De hoc n. 3.

Glysl. Ex-  
pos. 1. fol.  
mibi 9; 4.  
§. Notandū  
in fine.

Quem he, ou quem foy esta Princeza, para quem foram tam  
 faustos os seus despolorios? Foy huma filha de hum Principe: *Fil-*  
*lia Principis*: ou como lè Simmacho, foy filha de hum Duque: *Filia*  
*Ducis*, sem controversia Principe illustrissimo por todos os titulos.  
 Este Principe, ou este Duque na opiniaõ commua foy Abraham,  
 como notou Glyserio, o qual por antonomasia se interpreta o Pay  
 excelso: *Pater excelsus*; porque de Abraham, como de illustre tron-  
 co se derivaraõ como seus netos, os Monarcas, & os Reys: *Reges ex*  
*te egredientur*: predicados, que cõ toda a propriedade se attribuem  
 ao Augústissimo Pay da nosa Serenissima Rainha. Na qualidade  
 Principe: *Filia Principis*. Na dignidade Duque: *Filia Ducis*; & na  
 descendencia excelso, porque raro serà o Emperador, ou Rey, que  
 com o tempo nam tenha a prerogativa de ser seu neto: *Reges ex te e-*  
*gredientur*. Esta Princeza chamava-se Maria, diz Glyserio: *Per-*  
*pulcher summam Mariæ explicans sollicitudinem*. Juntou-se-lhe ao sobe-  
 rano nome de Maria o de Sofia, porque se Sofia quer dizer Sabedo-  
 ria, a Sabedoria foy a Esposa de quem falla o Texto: *Sapientiam*  
*quæsvi sponsam mihi assumere*. Ao nome de Maria Sofia se lhe agre-  
 gou o de Isabel; porque se Isabel igualmente quer dizer juramento  
 de Deus, que septenario; sagrado: *Elisabeth, idest juramentum, & sa-*  
*crum septenarium*; sete partos teve esta Princeza, que na opiniaõ  
 commua foy a Igreja, porque teve sete Sacramentos: & nesta  
 Princeza tinha Deos prometido cõ a verdade do seu jurameto dar  
 a Portugal a fecundidade, para reparo da decima-sexta geraçaõ atenuada:  
*Et in ipsa decimasexta generatione, attenuata prole respiciam, & vi-*  
*debo*. Deu Deos a esta Princeza hũa fecundidade tam grande, que como  
 dissemos, lhe deu em sete Sacramentos sete partos; & a esta fecun-  
 didade, diz Sottomayor, lhe ajuntou Deos a idade de trinta & tres  
 annos, porque esta na doutrina de Paulo he a idade perfeita: *In men-*  
*suram ætatis plenitudinis Christi. Bonorum omnium*, diz Sottomayor,  
*copiam nunquam deficientem: atque lætitiã, quæ ex pietate proficitur: sa-*  
*cundam & sobolem: nec non ætatis integritatem*. E finalmente para  
 que nenhuma circûstancia nos falte, esta Esposa foy Esposa de Pe-  
 dro, porque a Pedro especialmente se entregou esta Esposa,  
 que na opiniaõ commua foy a Igreja: *Tu es Petrus, & super hæc pe-*  
*tram ædificabo Ecclesiam meam*. E por isso nam sem mysterio, diz  
 Glyserio, se celebraraõ em dia do Espirito Santo os Epitalamios  
 desta Esposa: para que nesse dia, diz este grande Padre, nasceste de  
 Pedro

Pedro, & da sua Esposa aquella fecundissima geraçõ de tantos filhos, quantos então nasceraõ à Igreja Catholica : *In die Pentecostes Petrus Apostolorum Princeps palam Divini verbi se exhibuit predicatorem, unaque ejus predicatione, atque unius ex uberis expressione tanta in Ecclesia genita Christo est fidelium proles.* Nem vos pareça impropria a allegoria dos desposorios espirituaes de Pedro com a Igreja, aos desposorios do nosso Monarca com a Serenissima Rainha; porque destes só houve sete filhos, & daquelles foraõ os filhos innumeraveis: pois na frase da Escritura os partos expressos no numero de sete equivalem a infinitos filhos, como se vê no capitulo segundo do primeiro livro dos Reys, porque dizendo a nossa Vulgata, que foraõ muitos, & infinitos os partos de Anna: *Donec sterilis peperit plurimos*, dizem os Setenta, que os partos de Anna foraõ só sete: *Donec sterilis peperit septem.* E huma Princeza com allegoria tam propria à nossa Serenissima Rainha, nos seus desposorios tem toda a sua grã deza, porqõs seus desposorios foraõ aquelles, que ao seu nascimento, acumulãraõ os rayos com que resplandeceõ esta fermosissima Lua: *Quid faciemus sorori nostra in die quando alloquenda est?*

Assim he, Serenissima Rainha, & Senhora nossa, assim he: o Oriente de V. Magestade foy pequena esfera para Lua: tam soberana, curto Ceo para tam admiravel Sol, estreito mapa para Astro taõ maravilhoso. Foy Aurora que prognosticou tanta grandeza. No Oriente nasceo V. Magestade filha de Emperadores, de Reys, de Duques, de Marquêzes, de Condes, de Viscondes, & de Baroẽs: mas nascendo filha de tantos Principes, nenhum Principe nasceo filho de V. Magestade. Só esta fortuna se reservou para os desposorios, renascendo V. Magestade Mãe de Reys, se no nascimento foy filha de Principes. Grande fortuna he nascer filha de Reys, mas he mayor a felicidade de quem pelos seus desposorios tem aos Reys por seus filhos. Mais illustre he para V. Magestade a Descendencia, que a Ascendencia, porque se a Ascendencia a fez a V. Magestade filha, a Descendencia a constituiu a V. Magestade Mãe. Grande honra he ter o sangue dos Reys, mas mayor honra he dar aos Reys o sangue. *Clavio*, disse S. Pedro Damiaõ fallando de outra Rainha, *clavio profecto fuit pro Avorum titulis, sed incomparabiliter clarior generositate prolis: Filia siquidem Regum, sed Mater Regis.* Ter a origem de Reys he singular brazão para quem não tem os Reys por seus descendentes; mas a descendencia dos Reys he brazão mais glorioso

Glysl. ad e.  
8. Cant. v. 8.  
Expos. 2. §.  
Bene igitur,  
fol. mihi  
935.

1. Reg. c. 2.  
v. 5.  
Vide Mendonça in  
Reg. tom. 1.  
ad vers. 5. 2.  
cap. u. 12.

para quem pela descendencia, que dá aos Reys, fica Mãe dos Principes!

Notey eu muito, que o Profeta Isaias fallando naquella sua celebre vara, em quem se figurou a mayor Princeza, nos disse, que havia de descender de Jese: *Egredietur virga de radice Jesse*; & que nos não disse, que de David havia de proceder esta vara. David foy filho de Jese, & Jese foy pay de David: pois se David havia de ser mais immediato pay do que Jese, porque nos não diz o Profeta, que David foy o pay daquella Princeza? Mais nobre tronco foy David, que Jese, porque Jese foy hum homem muito humilde, & David foy hum Rey muy soberano. Pois se o Profeta pertendia encarecer a nobreza da vara, porque fugio à regalia do tronco, tirando da arvore da geração a hum Rey, quando queria publicar o Real da geração? Nam vedes, que dizia que esta vara havia de dar por fruto huma flor, que era Christo: *Et flos de radice ejus ascendet*; o qual havia de reynar na Casa Real de seus Avós: *Regnabit in domo Jacob*. Pois já que lhe dá a honra de ter por filhos aos Reys, pouco importa o nam fazer menção de que os Reys foraõ seus Pays; porque mayor gloria he das Rainhas serem Mães dos Reys, do que serem os Reys Pays das Rainhas.

Ibidem.

Matth. c. I.  
v. 32.

Esta foy a grande honra da mayor Rainha do mundo: & este foy o timbre da mayor Rainha de Portugal, darem-lhe tanta grandeza os seus Reaes desposorios, que nascendo S. Magestade filha de Reys, depois dos desposorios os Reys ficárão filhos de Sua Magestade: & com tanta singularidade, que raro será o Reyno do mundo, em quem com o tempo se nam veja coroado o Real sangue da Rainha nossa Senhora. Para Portugal foraõ tam celebres estes desposorios, que nos deixou S. Magestade nos nossos Serenissimos Principes cinco Trofeos da sua prodigiosa fecundidade: pertendendo cõ este numero dos partos igualar no escudo das Armas deste Reyno as Quinas de Portugal. E se no corpo de Christo se estampáraõ quatro chagas vivas, & huma morta: atè nesta prodigiosa allegoria foy singular a fecundidade de S. Magestade no numero de cinco; porque nas cinco Quinas de seus generosos filhos igualmente choramos a hum morto, que adoramos a quatro vivos. Esta he a nossa grande divida à Rainha nossa Senhora: & nam he menor a obrigação que os outros Reynos fóra de Portugal devem a esta Senhora Serenissima, pois lhes deixou duas Estrelas, com quem podem esmaltar as suas

suas

suas Coroas, jurá dolhes como a Rainhas a obediencia, para na vassal-  
 lagen a tanta soberania poderem eternizar a sua dita. A gloria dos  
 Reys nam está na fecundidade dos filhos, está sim na fecundidade  
 dos filhos para ferem Reys depois dos Pays. Terem os Reys fi-  
 lhos, & para os filhos nam terem os Reys Reynos, nem he para os  
 Reynos ventura, nem para os Reys he fortuna. Por isso  
 os segundos desposorios nam costumão ser para as Rainhas muito  
 fices, porque commumente faltaõ os Reynos aos filhos dos des-  
 posorios segundos. Terem porẽm as Rainhas filhos que haõ de ser  
 Reys, & filhas que infallivelmente ferão Rainhas, essa he a fortu-  
 na dos desposorios Reaes. S. Magestade nos seus primeiros despo-  
 rios teve as segundas vodas do nosso grande Monarca, mas sendo  
 as segundas forão tam venturosas, que para o nosso Reyno ser só  
 para os seus filhos, foy S. Magestade a que ao nosso Reyno deu a ba-  
 ronia dos nossos Principes. A Rainha nossa Senhora foy a redem-  
 pção do nosso Sceptro, a firmeza da nossa Coroa, & o reparo da  
 nossa ruína, porque só Sua Magestade acabou a esterilidade para os  
 nossos Principes, dandonos herdeiros para o nosso Reyno. Nam  
 são os filhos os que fazem fecundos aos pays; os filhos que hão de  
 reynar, são os que fazem aos pays fecundos. Hum Rey com mu-  
 tos filhos, sem nenhum lhe poder succeder no Reyno, com toda a  
 sua fecundidade ainda he esteril, porq̃ a fecundidade dos Reys não he  
 tanto em ordem aos filhos, quanto em ordem aos filhos poderem  
 ser Reys. Só S. Magestade foy Rainha fecundissima para Portu-  
 gal, & para todo o mundo, porque para o mundo, & para Portugal  
 deixou Rainhas, & deixou Reys.

He singularissima a opposição do Texto de Jeremias no capi-  
 tulo 22. com o Texto de S. Matheus no capitulo 1. E escreve, diz:  
 Deos a Jeremias, escreve, para que todo o mundo taiba, que Jeco-  
 nias, ou Joakim, que tudo he o mesmo, he homem esteril, & sem  
 successão, porque eu não quero que tenha filhos: *Scribe virum istū* Jerem. c. 22:  
*Jerusalem, nec enim erit de semine ejus vir.* Podem haver palavras mais v. 30.  
 expressas donde conste, que não teve filhos Jeconias? Não as pôde  
 haver. Ora leamos a S. Matheus no capitulo 1. *Jeconias genuit Sa-* Matth. c. 1:  
*lathiel, Salathiel autem genuit Zorobabel.* Jeconias, diz S. Matheus, teve v. 12.  
 por filho a Salathiel, & Zorobabel foy neto de Jeconias, & deste ne-  
 to, & filho descreve S. Matheus huma geração tam copiosa, que  
 até S. Joseph refere nove descendentes, todos netos, & filhos de  
 Jeco-

Jerem. ubi  
supr.

Jecônias. Claramente se vê a opposição do Evâgelista com o Profeta; porque se Jecônias foy esteril, he certo que não teve filhos; se teve filhos, he certo que não foy esteril. Logo como podia ser esteril quem teve tantos filhos, & tantos netos? Foy esteril este Rey, porque tendo netos, & filhos, para os filhos, & para os netos faltou o Reyno, porque nenhum neto, ou filho de Jecônias empunhou o Sceptro: *Nec enim erit de semine ejus vir, qui sedeat super sedili-um David, & potestatem habeat ultra in Juda.* E como a fecundidade dos Reys he mais para o throno, que para os filhos, por isso foy esteril hum Rey, que teve filhos, & não teve throno: *Scribe virum istum sterilem.* Só a Rainha nosa Senhora teve esta felicidade, porque dandonos tantos Príncipes, igualmente lhes deixou o Reyno na patria, que fóra da patria o dominio, tanto mais ambiciosamente pretendido, quanto mais as suas heroicas prendas se fazem obsequiosamente desejadas. Mas ay! que durou pouco a Authora de tanta dita! pois ao tempo em que nos Planetas de seus Serenissimos Filhos, & nos rayos do seu preclarissimo Esposo prometião mayor duração os seus Reaes resplandores, não só se escureceo como Lua nova, mas tambem se eclipsou no Quarto cresçete das suas luzes; & o Esposo se escureceo como Sol, pois padecco huma sombra tam inhumana a Lua no seu Quarto cresçente: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendebit in lumine suo.*

Nam parou a Lua no Quarto cresçente dos seus desposorios, mas d'elle subio ao estado de Lua cheia nas suas grandes virtudes. O encher a Lua ao seu luminoso gyro, he porque então tem em si toda a magestade dos seus rayos, apartando-se do Sol na distancia de cento, & oitenta graos. Sua Magestade para ser Lua mais soberana, quasi pela mesma distancia para ser Lua cheia, veyo de tam longe para se unir ao seu Serenissimo Esposo, em cuja presença intendose lhe os rayos, as virtudes a fizessem Lua cheia de todas as perfeçoens. As admiraveis acçoens de S. Magestade na visinhança do Sol a fizerão Lua cheia de resplandores, porque foraõ heroicas as suas virtudes. Estendeo-se pelo seu Imperio a fama das suas excellencias, & aonde não chegou a sua Real presença, lá se ouvirão os eccos da sua gloria. Todo o mundo foy o theatro das suas acçoens, porque a todo o mundo chegou a noticia da sua piedade. As virtudes de S. Magestade ou se podem considerar em ordem ao amor de Deos, ou ao amor do proximo: & em qualquer destes dou objecto

objectos aonde consideremos as suas virtudes, foy sempre heroico o seu amor. Discursêmos primeiro o amor de Deos, & depois discursêmos pelo amor do proximo.

Com as lagrimas nos olhos vendo S. Magestade aos seus Sereníssimos filhos intimandolhes o amor de Deos, costumava dizer, que se os Altezas nascêrao para offender a bondade Divina, peira ao mesmo Senhor q̄ assim como lhe fez a merce de lhos dar para o bem universal deste Reyno, assim lhe fizesse a graça de os levar para si, antes que o pudessem offender. Oh palavras dignas de mayor lamina, e da minha voz! Oh Lua cheia de toda a Santidade! em quem o amor de Deos prevaleceo ao amor dos mesmos filhos, & do mesmo Reyno! Oh Rainha admiravel! em quem o amor de Deos prevaleceo às importancias da Coroa, & às conveniencias dos filhos! Oh portentosa Princeza! em quem a vida dos filhos foy victima ao amor de Deos! A mayor desgraça dos Reys he, terem o seu coração na mão de Deos: *Cor Regis in manu Domini*, & não regularem os Reys pela mão de Deos ao seu coração, prevalecendo nelles ao amor de Deos o amor dos filhos. S. Magestade foy a exceção desta regra, porque mais que aos filhos amou a Deos S. Magestade. Amou-os com hum tão grande amor, que cada hum dos nossos Principes era o seu coração, & a sua vida: mas aborrecia-os com tão sagrada impiedade, que por amor de Deos mostrou que aborrecia aos Principes, porque lhes desejava a morte, se com a sua vida ouvesse de ser Deos o offendido. Amou a Deos S. Magestade como Deos quer ser amado, porque por amor de Deos chegou a mostrar, que aborrecia aos filhos.

Quero, diz Christo, que todo o filho aborreça a sua mãy, & toda a mãy aborreça ao seu filho: que o não fizer assim, não me pôde seguir, ou seja filho, ou seja Mãy: *Si quis venit ad me, & non odit patrem, matrem, & filios, non potest meus esse Discipulus*. Este Texto he hum dos mais difficultosos, que tem toda a Escritura Sagrada, porque toda a mãy tem hum preceito natural, que a obriga a amar a seu filho, & todo o filho tem o mesmo preceito para amar a sua mãy: & agora, segundo a doutrina de Christo, a mãy, & o filho tem hum preceito divino para aborreccrem o mesmo que estaõ obrigados a amar. Os preceitos Divinos não encontraõ os naturaes. Amar por preceito a mãy ao filho, & o filho à mãy, & por preceito aborreccer a mãy ao filho, & o filho à mãy, he impossivel: pois como se hade amar, &

Proverb.  
cap. 21.  
v.1.

Lucez cap.  
14. v. 26.

juntamente aborrecer ao mesmo objecto, para se salvarem estes dous preceitos. Parecevos impossivel este amor, & este odio? Pois tudo isto he possivel, & tudo isto quer Deos. Quer que o filho ame a mãy, & a mãy ame ao filho, quando o amor se não encontra com Deos. Quer q̄ o filho aborreça a mãy, & a mãy ao filho, quando se oppoem o amor do filho, & da mãy à honra de Deos: porque no segundo caso amase à mãy, & ao filho menos, & a Deos mais: & no primeiro amase ao filho, & à mãy mais, & a Deos menos. E o amor de Deos prevalecer ao amor da mãy, & dos filhos, he odio tão sagrado, que he piedade nos filhos, & nos pays, ainda que pareça dureza nos pays, & nos filhos. *Valeat, disse S. Cyrillo Alexandrino, valeat omnino pietatis lex; recedat naturalis amoris vis, ut ita dicamus, pia duritia colatur Deus.*

Este he o mais alto ponto a que Deos sobio a fineza com que deseja ser amado: & tal, de algum modo, foy o excessõ com que S. Magestade amou a Deos, mostrando como quem aborrecia, que desejava a morte aos mesmos filhos a quem amava, se o amor de Deos não fosse o fogo, que para a observancia da sua ley lhe abrazasse os affectos. Oh coração generoso! aonde o ser mãy não cegou ao amor, para à vista dos filhos se esfriar o amor, que se deve a Deos! Escrevate de sua Magestade com mayor gloria aquelle grande elogio, que se lê no Capitulo sétimo do segundo livro dos Machabeos: *Supra modum autem mater mirabilis, & bonorum memoria digna, qua percuntes septem filios sub unius diei tempore, bono animo ferebat, propter spem quam in Deum habebat.* Esta sim, que he a mãy admiravel, & sobre todas digna de memoria eterna, porque tendo sete filhos, a todos vio mortos em hum só dia com os olhos enxutos, & com o coração inteiro pelo amor que tinha a Deos. Na nossa Serenissima Rainha parece que foy mais heroico o amor, que na mãy daquelles sete filhos; porq̄ a mãy intimavalhes a observancia da ley: *Singulos hortabatur*, mas a nenhum desejava a morte. S. Magestade porèm desejava a morte aos filhos, quando lhes intimava a observancia, se com a sua vida ouvesse de ter a Ley de Deos a menor quebra. Aquella Mãy a todos os sete filhos intimava o morrer antes que peccar, mas não nos conta, que para não peccarem pedisse a Deos a morte para os seus filhos: S. Magestade lhes pedia a morte ao tempo, em q̄ lhes intimava a observancia. E se quem pareceo menor na fineza que S. Magestade, foy a mãy admiravel por antonomasia: *Supra modum autem mater mirabilis*, porque o amor de Deos prevaleceo ao amor dos filhos.

Propter

Lib 6. de  
Adorat.

Michab. l. 2.  
cap. 7. v. 20.

V. 21.

*Propter spem quam in Deum habebat*: a nossa Serenissima Rainha tirou aquella má a singularidade, porque em mais indelevel lamina abrio o amor de Deos a sua memoria: *Et bonorum memoria digna*. E porque não posso ponderar como devia os heroicos excelsos do amor de Deos, que se virão em S. Magestade, por não offender a todos com as minhas vozes, deixemos as demais finzas no sepulchro do seu mesmo coração, porque de lá bradaõ com mais encarecida retorica, do que o meu discurso pôde exagerar a sua grandeza: & assim deixando o amor, lhe ponderemos sómente os efeitos.

Piamente podemos crer, q̄ o amor, com que S. Magestade amou Deos, foy aquelle donde se lhe originou a certeza da sua morte, fazendo, antes da sua doença, a muytas pessoas, q̄ brevemente havia de acabar a sua vida: & apenas teve o primeiro aviso da sua enfermidade, logo se aparelhou para a sua morte, contra o parecer dos medicos, por não considerará ainda perigo, pedindo repetidas vezes o Viatico; & para o poder conseguir depois de ter expressado o seu desejo, se valeo de S. Alteza, para q̄ pedisse a S. Magestade lhe quizesse permitir esta espiritual consolação; & por mais que se replicasse que o perigo não pedia com tanta pressa esta diligencia, o fogo do amor de Deos, que ardia no coração de S. Magestade, lhe assegurava o perigo, porque lhe deu o conhecimento da hora. Oh Serenissima Rainha, que assim vivestes, q̄ foubestes morrer assim! *Illum orientem alitem*, dizia Tertulliano fallando da Pheniz, *illum orientem alitem de singularitate famosum, qui se ipsum libenter funerans renovatur, natali sine discedens*. Oh ditosa, & singular Pheniz! pois sendo a todas as aves a morte improvisa, a ti te acha tão prevenida, & tão certa do teu fim, que de aromas formas a fogueira; & com as tuas azas acendes o fogo, para que abrazandote possas renascer a melhor vida! Oh Serenissima Senhora! pois estando nõs todos ameaçados, que quando menos o cuidarmos, nos hade aflatar a morte: *Qua hora non putatis, filius hominis veniet*; V. Magestade anticipadamente sabedora da ultima hora, se prevenio com os aromas dos Sacramentos, para que acendendo o fogo do amor, se abrazasse nas suas chamas, para renascer a melhor vida! Mas hum incendio abrazado, no coração tambem tem lingua no seu fogo, para dizer a qué se hade consumir, a hora em que se hade abrazar.

Do amor de Deos, & dos seus efeitos passemos para o amor do proximo, & veremos como S. Magestade nesta virtude foy tão

heroica, que o amor do proximo a fez Lua cheya nas prerogativas. Passo em silencio a singular humildade com q̄ S. Magestade lavava os pês aos pobres mais alquerosos todas as Sestas feiras da Quaresima, bulcando naquellas aguas refrigerio aos seus incendios. Não repit a piedade com que as suas Reaes mãos lavavaõ, & pensavaõ aos mi-ninos mais desemparados, a quem a sua industriosa charidade bus-cava, para delabafar o grande fogo do amor do proximo, que lhe abraçava o coração. Não digo aquella altissima virtude com que defaboreado com algũa inadvertencia o seu gosto, apenas lhe satis-faziaõ a sua queixa, quando deposta toda a Magestade, a sua sobera-nia, como se fosse a culpada, era a que pedia o perdaõ, quando a indul-gencia devia ser sua. Não acclamo os infinitos triumphos com que o seu Christianissimo zelo à custa de grandes dispendios christianizou no sagrado do Sacramento, o que infallivelmente, senão fosse o seu cuidado, viria a ser delito, convertendo o seu socorro em matrimo-nio, o que sem esta diligencia inevitavelmente seria escandalo. Ne-nhuma destas heroicas acçoens declamo, porque de nada serve a sua repetição, mais que para dar forças à nossa magoa o sentimento de perda tão grande. Só não calarei aquella grande virtude com que as Reaes mãos de S. Magestade de dentro da sua liteira repartiãõ as esmolas. O dar esmola, nos Principes he obrigação da sua soberania; mas ser a sua mesma mão a que reparte a esmola, essa foy a especial generosidade da Rainha nossa Senhora, porque para os officios da cõmiseração não queria ter ministro, só porque a sua mão fosse o instrumento, que remediaffe as nossas miserias. Como nos amava com hum amor tão raro, por isso com a sua mesma mão dava as es-molas. Não se vê o amor no muyto que se dà; mas em ser a mão de quem dà, o instrumento do remedio, nisso he que consiste o amor de quem reparte as esmolas por affecto. Hum Rey acudir á necessidade do vassallo, he fineza do seu animo generoso; mas dar o Rey com a sua mesma mão o remedio, isso he fineza do amor com que ama ao vassallo, a quem faz o beneficio.

Ugo hic

Propoz Christo hũa celebre parabola no capitulo 11. de S. Lucas. Havia hum homem, diz o Senhor, havia hum homem, o qual na opiniaõ de Ugo foy Christo. Succedeo, que muyto tarde lhe bateo hum amigo á sua porta, pedindolhe socorro para a sua miseria. Estava o Senhor da casa recolhido com toda a sua familia, mas só o Senhor ouviu a voz, & escusandose de não poder satisfazer á supplica, respondeu

respondeo que os seus criados estavam já todos recolhidos, & lhe não era possível levantar-se para satisfazer á sua miseria: *Et ille dormitus recessit in cubili, non possum surgere, & dare tibi.* Instou de novo o pinguido, & diz o texto que em pessoa viera o Senhor da casa a receber-lhe a miseria: *Surget, & dabit illi quod quod habet necessarios.* Note-se, q̄ estar do este homem com os seus ministros: *Pueri mei mecum in cubili,* to o Senhor da casa ouviu a voz, porq̄ só este respondeo: *ille intus respondens.* Tendo este homem ministros, só o homem se levanta para dar ao necessitado o soccorro: *Surget, & dabit illi.* Pois este homem tem ministros para a decencia do seu serviço, como só o homem responde, & os ministros não ouvem? Como só o homem se incomoda, se os criados se não levantão? Não vem, que, como disse Ugo, este homem era Christo, & Christo era Rey: *Ubi est Rex?* & Rey com especial amor ao homem a quem remediava: *Surget, eo quod amicus ejus sit.* Pois para provar o amor, não havia o Rey fiar de outrem a esmola, só com a sua mesma mão lhe havia de fazer o beneficio. Tendo ministros para o decoro da Magestade: *Pueri mei,* só para as obras de compaixão não tinha ministros, porq̄ a sua generosidade, & o seu amor o obrigava a ter elle o instrumento, que remediava aquella miseria: *Surget, & dabit illi.*

Luc<sup>r</sup> cap. 11  
v. 7.

Matth<sup>e</sup> cap. 1  
v. 2.  
Luc<sup>a</sup> cap. 11  
v. 8.

Assim provou aquelle Rey o seu amor para aquelle necessitado: & assim provou a nossa Serenissima Rainha o seu amor para todos os miseraveis, sendo a sua Real mão a que distribuía os beneficios. Como o seu amor para cada hum dos seus vassallos era excessivo, por isto para cada hum dos vassallos era tão extremosa, que a sua mesma mão soccorria a miseria, para remediar em cada hum a pobreza. Não se admire já Salamaão daquella mulher forte, que com a sua própria mão dava as esmolas: *Manum suam aperuit inopi, & palmas suas extendit ad pauperem;* porque já os nossos olhos virão em Portugal, não a hua mulher, mas a hua Rainha fazer semelhante fineza. E se nesta misericordia descreveo Salamaão àquella mulher forte todo o seu encomio: *Laudent eam in portis opera ejus;* nesta virtude façamos nós todo o Panegyrico a S. Magestade. E se às outras Rainhas costumão os Panegyristas descrever-lhe para a sua grandeza os titulos do seu sangue, & da sua regalia; hoje seja o titulo de S. Magestade a sua misericordia, disse em semelhante acto o Alapide; porq̄ na sua pessoa teve S. Magestade toda a sua grandeza: *factent alij Pa-*

Proverb. cap.  
31. v. 20.

Alap. ad lo-  
cum Prov.  
ubi supra

*trum, & Avorum facta; at Heroína hac sua opera, non aliena promit, ab ijs que se laudabilem efficit:* porque esta piedade enchendo em S. Magde- itade a roda de sua grandeza, a fez Lua cheia na multidão de tantos resplandores. Mas ay ! que curta foy a gloria da Lua no enchente das suas prerogativas ! pois devendo se mayor duração aos seus rayos, desandou apressadamente a roda, & se lhe eclipsou mortalmente a luz, porque tambem no Sol por sentimento se lhe encubrião os reflexos, porque tambem mortalmente se lhe desmayaraõ os rayos: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendet in lumine suo.*

Chegou em fim aquelle infaulto dia, em que perdendo a Lua toda a sua gala, havia de ter o Quarto mingoante da sua morte, porq̃ em quatro de Agosto mortalmente se lhe eclipsaraõ as luzes, sendo em quatro de Agosto ofatal dia do seu eclipse. Podia a morte esperar hum dia depois, mas por tirania anticipouse hum dia primeiro, porque quiz que madrugasse a nossa desgraça, antes que o curso da vida fizesse a carreira dos annos, & pertendeo que em quatro de Agosto se puzesse o Sol, primeiro que em seis de Agosto nascesse a Aurora. A morte costuma ser o termo dos annos; mas neste caso forao os annos o termo da morte. A morte he depois do dia dos annos; mas na queda deste Real Astro a morte foy antes, & os annos depois, porque os annos forao o dia, & a morte a vespóra; & vespóra tao triste, como não havia de ter dia de annos tao funebre? O funebre dos annos não está na morte, se a morte se pospoem, ou se anticipa: anticiparse porẽm de maneira, que para não se cumprirem os annos, na vespóra dos annos dê a morte o golpe ! esta he a circumstancia que faz funebre aos annos, porque esta circumstancia he quem faz infelices aos annos, & ao dia.

O dia dos annos mais funestos, & mais sentidos que ouve, ou pôde haver, foy o dia 25. de Março, em que Christo se sepultou. Que fosse verdadeiramente o dia dos annos de Christo he indubitavel, porque encarnando Christo em os 25. de Março, & sepultandose no mesmo dia segundo a mais provavel opiniaõ, veyo a ser dia dos seus annos o dia do seu sepulchro. E como Christo no Sacramento hum dia antes dos annos: *Ante diem;* ou como diz a Igreja: *Pridie quam pateretur;* anticipou a sua morte: *Recolitur memoria passionis ejus;* annos que forao termo da morte, & tiverao a morte por vespóra, assim forao infaultos, que a todo o mundo por magoa sepultaraõ em tristes sombras: *Tenebra facta sunt super universam terram.*

Joan cap. 13.  
v. 1. Ex Eccl.

Matth. cap.  
27. v. 45.

Se já não foy, que assim como para a nossa desgraça se anticipou para S. Magellãe a morte aos seus annos, assim tambem os annos para a nossa magoa se anticiparão para S. Magellãe experimentar o intempetivo do golpe. Os annos foraõ em seis, & a morte em quatro; mas o que foy para a morte quatro, foy para os annos seis; & o que para os annos foy seis, para a morte foy quatro, porque os quatro que haviaõ de ser quatro, foraõ seis, & os seis que para os annos deviao ser seis, para a nossa dor foraõ quatro. Nalceo S. Magellãe em dia do grande Patriarcha São Domingos, que verdadeiramente em seis de Agosto teve o seu dia, porque entãõ se sepultou a sua Estrella. Mas a Santidade de Paulo IV. a morte de S. Domingos que succedeo a seis anticipou aos quatro: *Paulus Quartus quarto celebrari festi, licet obierit ille die sexta*, disse Gavanto: & S. Magellãe para realmente morrer no dia em que nalceo, teve a morte em quatro, nascendo em seis; porque o dia seis se anticipou para quatro. E quem teve o nascimento em seis, que ao depois vierão a ser quatro, era justo que morresse em quatro, que em todo o rigor foraõ seis. O dia de S. Domingos segundo a ordem commua do rito da Igreja, cahindo em seis, que pela solemnidade da Transfiguraçãõ estava occupado, havia de passar para sete; mas mysteriosamente se anticipou para quatro, porque como S. Magellãe havia de morrer em quatro, sem chegar a seis, & neste mingoadõ accidente não havia de guardar alguma ordem a morte; anticipouse S. Domingos para quatro, para que no dia da morte tivesse S. Magellãe o dia dos annos: & se a Rainha nossa Senhora os não havia de exceder, nem ainda igualar, não passẽ o sagrado do dia a sete, antes se anteponha a quatro, porque morrendo S. Magellãe em quatro, virã a ter S. Magellãe trinta & tres annos perfectos, não os igualando, nem os excedendo.

No Occaso das luzes primeiro se enluta o Sol, que cayaõ as Estrellas: *Sol obscurabitur, & Stelle cadent*; mas para o Occaso q' choramos ser singular em todo o Occidente; primeiro cahio no dia de S. Domingos a Estrella, que se transmudasse em a Transfiguraçãõ o Sol; porque quem na Transfiguraçãõ ha de ter o sepulchro, he bem que no dia da Estrella tenha o Occaso.

Tres notaveis unioens considerou a Igreja em Christo no dia da Epiphania: O ser Rey: *Regis potentia*, o ser Sacerdote: *Sacerdotem magnum*, & a sua sepultura: *Dominicam sepulturam*. No ser Rey lhe advertio a Magellãe. No ser Sacerdote lhe ponderou o Sacrificio

cruento,

Gavan. fol.  
mihl 128.  
Sect. 7. cap.  
10. ad diem  
4. Augusti.

Math cap.  
24. v. 29.

Ex Eccl.

crucento, & incruento, porque em ordem a estes dous Sacrificios foy o Sacerdocio de Christo. Grande mysterio! No mesmo dia Rey; sacramentado, morto, & sepultado? tudo unido? tudo conformé? Sim: porq̃ unida a sepultura á Eucharistia, unia o sepulchro ao Sacramento, o qual diz o Alapide foy a Transfiguração de Christo: *Christus in Eucharistia transfigurari videtur; transubstantiatio enim est quasi accidentium transfiguratio.* E como o dia da Epiphania foy o dia da Estrella: *Vidimus stellam;* era justo que no dia da Estrella se confiderasse o Occaso de hum Rey, que á Transfiguração havia de unir o sepulchro. Ao nascimento do Rey se une a Transfiguração, & a sepultura; porque parece não pôde haver para os Reys melhor Estrella, que unir a sepultura, & a Transfiguração ao seu nascimento.

Este dia que entre o nascer, & sepultar de S. Magestade confervou a distancia de trinta & tres annos, teve presença tão admiravel, q̃ o nascer que já tinha sido, se unio ao sepulchro que ainda havia de ser: & o sepulchro, que havia de ser, unio se ao nascimento que já tinha sido. Hum dia, dizia David, falla com outro dia: *Dies diei eruat verbum.* Já vedes a implicação: porque para dous fallarem, ambos de dous coexistem, & quando hum dia chega, já o outro foy: logo não podem fallar. Sim podem, diz Agostinho; porque estes dous dias que fallão, são o dia do nascimento, & da sepultura de Christo: *Dies Nativitatis loquitur diei passionis.* Como pôde ser, Agostinho, verdadeira esta proposição? A sepultura foy trinta & tres annos depois do nascimento, & o nascimento trinta & tres annos antes da sepultura: pois como se unirão, & como fallarão? Sabeis como? Unindo se o que havia de ser trinta & tres annos depois, ao que tinha sido trinta & tres annos antes, porque não he novidade nos Reys o nascimento que foy, unir se á sepultura que será, & a sepultura que será, unir se ao nascimento, que foy. Estes dous dias se unirão, porque he privilegio dos Reys que morrem de trinta & tres annos, fazerem presentes o dia em que nascem, & o dia em que se sepultão. Nasceo S. Magestade em seis, & em seis juntamente se sepultou, porque como morreo de trinta & tres annos, nos Reys, que morrem assim, he costume fallarem estes dous dias com tal proporção, que ambos se unem, para que ambos discorram: *Dies diei eruat verbum.*

Mas se S. Magestade se sepulta em seis, que he o dia em que nasceu, como morre em quatro? Não vedes que o dia seis tinha sido seu pelo

Alap apud  
Syl. Conc o-  
nat. Joan. 2.  
fol. 429.  
Matth. cap:  
2. v. 2.

Psalm. 18.  
v. 3.

Aug. Serm.  
18. in Nat. D.  
qui est 22. de  
temp. Tom.  
120.

pelo nascimento, & não tinha tido seu por qualquer successo o dia quatro. Pois morra em quatro, & não em seis, porque quem em seis hade ter o sepulchro que não he seu, he bem que morra em quatro, para ter em dia que não he seu, a morte, como senão fora sua.

S. Gregorio Niseno affirmou que Christo morrera no dia 24. de Março, quando se sacramentou, prevenindo, & anticipando a morte, que havia de ter em o dia 25. *Sic que constat praevenisse mortem suam, quam postridie, scilicet die Veneris Judai in Cruce ipsi visibiliter exantur.* Mas se Christo se hade sepultar na Sesta feira que ham de ser 24. para que se anticipa a morrer na quinta feira, que taõ 24? Direi: Nos 25. foy o dia dos annos de Christo, porque em 25. de Março incarnou o Verbo; & deste dia, diz Alberto Magno, selhe devem principiar a contar os annos a Christo: *Iustus incipit Deo vivere à die conceptionis, malus autem à die nativitatís in mundum, quia solum mundo natus est.* Christo no dia dos annos, q̄ foy aos 25. havia de ter o sepulchro em hũa sepultura que não era sua. *Posuit illud Joseph in monumento suo.* E quem no dia dos annos ha de ter a sepultura, que não he sua, he bem que no dia antes tenha a sua morte, para que morra em dia que não he seu, como se a morte não fosse sua.

Demais, que sendo S. Magestade nos privilegios Aurora, a Aurora tem a prerogativa de morrer antes dos annos, & no dia dos annos ter o enterro. Morre antes dos annos a Aurora, porque se o Sol he quem faz os annos, antes que o Sol chegue, a Aurora morre. Tem porẽm no dia dos annos o enterro, porque se sepulta no dia em que o Sol principia o gyro dos annos. E se S. Magestade foy a Aurora, que no nosso Emispherio annunciou o nascimento do Sol, como não havia de experimentar antes dos annos a morte, para ter no dia dos annos atumba? A Aurora he mãy do Sol, & o Sol he filho da Aurora: mas a mãy como Aurora morre depois, porque na noyte precedeo à Aurora a morte do Sol: & o Sol como filho morre primeiro, porque o sepulchro do Sol na noyte chora na madrugada a Aurora. Justo era que o Principe como filho morresse primeiro que a Mãy como Sol, & a Mãy como Aurora morresse depois, para que o Sol deixando no dia dos annos o sepulchro, permitisse á Mãy como Aurora ter nelle o deposito.

O Sol, & a Lua quádo paraõ, costumão parar no mesmo lugar: *Sol & Luna steterunt in habitaculo suo.* E se o Filho como Sol tinha parado no lugar do sepulchro primeiro que a Mãy, parando ao depois a

S. M. no sepulchro de ... A.

Greg. Niss. Orat. & 2. Resurrect. Vi de Alap. in c. 12. Math. v. 40.

Albert. Mag. de Laud. Virg. Math. cap. 27. v. 60.

Habac. cap. 3. 11.

Mã y como Lua, não podiaõ, ambos ter o mesmo lugar, se o filho não deixasse o tumulto, para a mã y ter o enterro. Joã chegando primeiro que Pedro à cova, ao depois quando veyo Pedro deulhe Joã a preferencia para entrar na sepultura: *Venit ergo Simon Petrus sequens eum, & introiit in monumentum.* E se em Joã he nativo este obsequio: como o Principe D. Joã não daria a sua Serenissima Mã y a primazia, para q̃ S. Magestade tivesse no tumulto a preferencia? O golpe que a morte inhumanamente deu no Principe em 17. de Setembro, onze annos primeiro que na Serenissima Rainha empregasse o tiro, mortalmente ferio à Mã y que estava viva. O filho defunto onze annos depois, tambem se lastimou pela semrazaõ da morte: & se para nós morreo o filho tantos annos primeiro, agora para acrescentar a nossa desgraça, renasce das mesmas cinzas; para tornar a morrer por sentimento no dia em q̃ a Mã y se sepulta morta. E se a mã y morreo em quatro, tendo nascido em seis, o filho deixou o sepulchro em seis, tendo nascido em trinta, para q̃ no filho tivesse a mã y a morte no dia dos annos, & o filho no dia dos annos da mã y tornasse a morrer à força do sentimento. No dia da Transfiguração, se vio ao Principe Moyses deixar o sepulchro: *Et ecce apparuerunt Moyses, & Elias;* deixo logo no mesmo dia o Principe D. Joã a cova, para que o dia 6. de Agosto em que na Transfiguração, se fallou de huma morte taõ sentida: *Dicebant excessum ejus,* se proporcione a outro dia do mesmo mysterio, aonde ha de ser sentida hũa morte taõ defarrezoada; & para que não falte circumstancia, deixo o Principe D. Joã o tumulo, já que Moyses nesse dia deixou o sepulchro.

Dividio S. Magestade o dia da morte do dia dos annos, porque se com os annos tinha honrado ao dia seis, agora quiz honrar com a sua morte o dia quatro. Mas ay! que podendo ser outro qualquer dia, o dia deste Occaso, foy o dia quatro de Agosto o dia deste eclipse! Está a morte de posse de fazer infausto para Portugal a este dia, & para não perder ao seu direito, se em quatro de Agosto virou o seu relógio nos campos de Africa para acabar a vida de hum Rey Portuguez; no mesmo dia applicou em Lisboa a sua souce, para cortar a vida de hũa Rainha de Portugal. Cento & vinte & oito annos esteve a morte apontando este tiro, para despedir do seu arco com maior impulso esta setta, julgando ser conveniente tirar a Portugal huma Rainha, no mesmo dia em que tirou hũa Rey a Portugal; ou porque a perda era igual, ou porque o golpe era mayor: & para que

Joan. cap. 20  
v. 6.

Matth. cap.  
17 v. 3.

Luca cap. 9.  
v. 28.

A batalha  
del Rey D. Se-  
bastião foy a  
4. de Agosto.

que em tudo fossem proporcionados os successos, era bem que no  
 mesmo dia tivessem estas duas mortes a sua representação. Neste dia  
 quatro de Agosto, ha cento & vinte oytos annos, que em Tangere  
 chorou sangue o Ceo: & desde o dia quatro de Agosto até esta hora,  
 já hum mez continuo, que as pedras em Lisboa estão chorando  
 sangue do coração, porque a melhor Pedra de Portugal em cada  
 instante deste mez se esta desfazendo em torrentes de agua, para  
 sentir condignamente a hũa tal morte. A pedra do deserto, a penas  
 morreo Maria em Cadés, logo se desfez em a gua no mesmo lugar  
 aonde Maria morreo: *Mortua est ibi Maria. Egresse sunt aqua largif-* Numer cap.  
*ime:* & a Pedra da nossa Corte derreteose em lagrimas, porque com 2. v. 11.  
 a morte de Maria ficou o seu Palacio deserto. Maria quando morreo  
 na idade de cento & vinte annos, chorarão as pedras a sua morte,  
 sendo a sua idade tão longe: & como não chorará a Pedra de Portu-  
 gal a morte de Maria na idade de trinta & tres annos, aonde a sua  
 vida foy tanto mais curtamente medida, quanto mais brevemente  
 cortada? A circumstancia do sentimento das pedras na morte de  
 Maria foy fer a sua morte em Cadés, que se interpreta mudança:  
*Cadés mutatio:* & que Maria se mudasse, para que em trinta & nove Sylv. Alleg.  
 annos de mudança tivesse intempetuosamente a sua morte, he fa- verb. Cadés.  
 talidade tão grande para o sentimento da sua perda, que até as pedras  
 chorão por sentimento o seu Occaso! Que Maria deixasse o Egipto  
 para se mudar para Cadés! Que S. Magestade deixasse Alemanha  
 para se mudar para Portugal; & que trinta & nove annos de mu-  
 dança bastasse para matar em Cadés a Maria! & escassamente doze  
 annos de mudança dessem em Portugal a S. Magestade a morte!  
 esla he a vara, que fere a Pedra Pedro, para chorar a morte de Maria  
 na sua mudança; pois esperando que a mudança a eternizasse em Por-  
 tugal em mais longa vida, a mudança a arrebatou para tão breve  
 morte. Oh dia funello para Maria que morre, porque te mudou! &  
 para Pedro, que desejando mudar-te para se enterrar vivo com Maria  
 morta, por mais q̄ Pedro se queira matar, não pôde Pedro morrer.  
 No dia desta morte experimentamos tres golpes em Portugal: hum  
 em Africa para a vida del Rey D. Sebastião, outro em Lisboa para a  
 vida da Serenissima Rainha D. Maria, & para o sentimento do nosso  
 Serenissimo Rey outro. E tres lançadas em o nosso coração em hũa  
 só dia; porque senão estrará a alma para a dor de tantas perdas, &  
 para o justo sentimento de golpes tão penetrantes! Atẽgora experi-  
 menta-

mentavamos , que no dia da morte das Rainhas morriaõ as Rainhas, & ficavão os Reys: mas neste dia , a pezar da nossa dor , morrem os Reys, & mais as Rainhas. As Rainhas morrem, porque acabão: os Reys morrem, porque se magoaõ. Huma vida cortada tanto em flor ! húa vida na primavera taõ tiranamente cortada , igualmente he morte do Esposo, que da Esposa. Antes naõ he tanto morte para a Esposa que morre, como he morte para o Esposo que fica sem a Esposa. A Esposa morre, porq̃ fenece, mas a sua morte mais he para o Esposo que fica, porq̃ para a dor do Esposo , só coistu ma ser a morte da Esposa.

Chorava Jacob a morte de Rachel, & chorava assim: *Mihi enim quando veniebam de Mesopotamia, mortua est Rachel.* Para mim, dizia Jacob, morreo Rachel. Para mim? noravel modo de fallar! Para si he que havia de dizer Jacob que morrera Rachel, porque Rachel foy a que morreo. Pois como naõ diz que Rachel morrera para Rachel, mas que Rachel morrera para Jacob; *Mihi mortua est?* Bem se declara o Patriarca: porque diz, que Rachel lhe morrera na primavera: *Erat vernum tempus:* & quando na primavera, ou pelos annos, ou pelo tempo morré as Esposas, mais he a morte para o Esposo que fica, que para a Esposa, q̃ acaba. A Esposa fenece, porque morre: *Mortua est;* mas porque o sentimento naõ póde acabar ao Esposo, por isso para o Esposo he a morte da Esposa: *Mihi mortua.* Bem o temos visto no Quarto mingoante da nossa fermosissima Lua ; pois naõ só a Lua foy a ecliptada, mas tambem o Sol ficou escurecido: & assim ambos ficavam igualmente mortos. A Lua, porque na vespora dos annos padeceo o golpe mais deshumano; o Sol, porque pertendendo morrer, naõ o pode o sentimento matar: *Obtenebratus est Sol in ortu suo, & Luna non splendet in lumine suo.*

Tenho acabado o Panegyrico, ainda q̃ naõ tenha satisfeito a grandeza do assumpto. Este foy o Quarto mingoante desta morte para a nossa dor, & naõ deve ser menos effcaz para o nosso desenganho; porque se para os Reys, & para as Rainhas ha morte, que temos nós que esperar da vida? Sendo a morte taõ certa, & taõ commua no mundo, naõ ha cousa no mundo mais incrivel, que haverem de ter as Rainhas, & os Reys morte. Assim vivemos enganados com a morte dos Principes, que nos naõ persuadimos que morrem os Reys. Sam Pedro prégando de semelhante argumêto, acabou o seu Sermaõ pedindo aos seus ouvintes perdão de que no seu discurso lhe tinha

tinha dito hũa grande temeridade : *Viri fratres, liceat audenter dicere* Meus irmaõs, dizia Pedro, sejame licito dizervos hũa temeridade. Usou o Apostolo, diz Ugo, desta cautela para que os ouvintes se não indignassem contra o Pregador: *Hoc dicit ne indignarentur.* E que temeridade podia dizer hũ Apostolo, contra quem se pudesse escandalizar o auditorio? Elle mesmo o disse: *liceat audenter dicere* a vos de Patriarcha David, quoniam defunctus est, & sepultus. Disselhe o Apostolo, q̃ el Rey David morrera, & se sepultara. E assim cremos immortaes aos Reys, que ainda na bocca de hum Apostolo julgaõ temeridade o dizerfelhes, que para hum Rey ha sepultura, & morte. Quam temeraria seja esta presumpção, bem o vimos na morte, pois quem alli estã morta, & sepultada, he hũa Rainha. Sua casa Real de Portugal em taõ poucos annos temos visto a morte de dous Reys, de tres Rainhas, de dous Principes, & de duas Incezas: & repetição de taõ funestas mortes, não nolas mete Deos a casa sem especial Providencia. Abramos os olhos, & deixemos ser cegos. Consideremos o que somos, & desenganemonos, que a morte não aproveita nada. Não o illustre do sangue, porque está morta hũa Rainha illustrissima. Não as venerações da coroa, porque alli está enterrado hum Cetro. Não os annos, porq̃ está a Primavera amorticida. Não as prendas, porque os attributos mais soberanos tambem alli estão sepultados. Todas as casas Reaes da Europa estão alli dentro naquella Urna, & todas mudamente nos bradão, que alli vai a parar tudo. E se esta he a resolução de todas as Reaes casas, aonde hamde hir parar as particulares, por que mais illustres que sejão? Alli as espera o seu termo, porque aquelle humulo he o eclipse universal de toda a Magestade, o Occaso de toda a luz, & o Occidente de todos os Astros, porque alli igualmente se não ombrã o Sol, q̃ se escurece a Lua. A Lua alli jaz ha muitos dias: desenganese agora o Sol, & mais as Estrellas, que supposto tenhaõ o curso mais vagaroso, tambem hamde chegar àquella Urna, porque tambem alli hamde ter morte os seus rayos: & por mais soberanos q̃ sejãos seus resplandores, todos depois de eclipsados hamde depender de q̃ a nossa piedade lhes diga a cada hũ, hum *Requiescant in pace.*

FINIS.

# LICENCAS.

**V**istas as informações, pôde-se imprimir este Sermaõ, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 9. de Outubro 699.

*Castro. Diniz. Carneiro. Fr. G.*

**P**ode-se imprimir o Sermaõ de q̃ esta petição trata, & depois de impresso tornarà para se lhe dar licença para correr. Lisboa 10. de Outubro de 699.

*F. P. Bispo de Bona.*

FINIS